

## O ESTÍMULO AO SENSO CRÍTICO ACERCA DA PRÁTICA PROFISSIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA MONITORIA EM TEORIA E CRÍTICA DO DESIGN

RAFAEL DIAS OLIVEIRA<sup>1</sup>; ANA DA ROSA BANDEIRA <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafael-diasoliveira@hotmail.com](mailto:rafael-diasoliveira@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [anaband@gmail.com](mailto:anaband@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Teoria e Crítica do Design, ministrada enquanto componente curricular obrigatório para os alunos do quarto semestre de Design Gráfico e Design Digital, tem como objetivo principal estimular nos alunos uma maior consciência quanto à sua atuação profissional, bem como estabelecer um ponto de vista crítico acerca de sua responsabilidade social.

Isso se dá, por exemplo, quando no primeiro módulo da disciplina é discutida a relação entre design, arte e artesanato — especialmente através de autores como BORGES (2003) e FORTY (2009) —, problematização pertinente, especialmente, por conta da origem dos cursos de Design dentro do Centro de Artes. Já no segundo módulo da disciplina, a atuação profissional é tensionada a partir de referências modernistas, como os designers Alexandre Wollner (STOLARSKI, 2005), Paul Rand (KROEGER, 2010) e Milton Glaser (HELLER; PETTIT, 2013), em contraponto ao exposto por Flusser (2013) e Cardoso (2012).

O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência a partir da atuação do autor como monitor da disciplina ao longo de dois semestres (durante a pandemia), um enquanto monitor voluntário e outro como bolsista, repercutindo e relacionando tal prática à minha percepção anterior enquanto aluno da mesma disciplina, no que diz respeito ao estabelecimento de um ponto de vista crítico acerca da profissão de designer. Para tanto, irei cruzar o relato de uma das atividades propostas pela disciplina, qual seja, a responsabilidade social do design, com um dos autores que a embasa (REDIG, 2011), para adiante repercutir como tal proposta amplia a percepção dos alunos sobre o tema.

Como ponto de partida, é possível citar o exposto por REDIG (2011) ao questionar “o que é design social?”. Neste ponto da disciplina, quando já foram discutidos temas como a regulamentação da profissão, a atuação do designer na contemporaneidade e algumas recorrências mesmo com o passar das décadas, muitas discussões sobre o tema já foram levantadas, mas o que seria design social? Um pleonismo, de acordo com Redig, uma vez que “não existe design que não seja social — para a sociedade” (REDIG, 2011, p. 92).

## **2. METODOLOGIA**

O presente artigo tem caráter qualitativo e exploratório e, portanto, não pressupõe qualquer tipo de generalização. Parte das percepções empíricas do autor através de sua experiência enquanto monitor da disciplina de Teoria e Crítica do Design, articuladas a alguns autores explorados como referência da própria disciplina. Para tanto, é realizada uma breve revisão bibliográfica, que a seguir será articulada ao relato de experiência do autor durante o período de monitoria.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As aulas de Teoria e Crítica do Design são pensadas para haver o debate entre/com os alunos e gerar questionamentos acerca dos conceitos e posturas apresentados a partir da prática de outros profissionais com os teóricos abordados, o que depende, em grande medida, da adesão da turma a essa proposta.

Sendo monitor da disciplina em duas oportunidades, pude ter a percepção de como a disciplina afeta os alunos por uma perspectiva diferente (como o engajamento da turma que pode afetar algumas discussões, ampliar os conhecimentos e o ponto de vista crítico acerca dos temas tratados, o que muitas vezes acaba trazendo novas discussões e pontos de vista).

Quando aluno, essa cadeira me proporcionou uma nova visão sobre a relação do design com a sociedade e, por outro lado, do próprio design com áreas tangentes como as artes. Agora como monitor vejo como isso afeta os outros, como os debates gerados acabam levando os alunos a pensarem mais sobre o design, nosso papel na sociedade. Um ponto que merece destaque, nesse sentido, é a forma como o fato de o design da UFPel estar lotado dentro de um Centro de Artes, e ter nascido como habilitação desta, configura-se como um diferencial por conta de todo o repertório e senso estético que são profundamente influenciados por esta relação física/geográfica.

Enquanto aluno da disciplina, o tema da responsabilidade social do design me despertou muito interesse pois debatemos sobre a influência do nosso trabalho na sociedade e a responsabilidade social que exercemos e ao me tornar monitor notei que o tema impacta os alunos de várias formas, ao fazê-los pensar sobre o que estamos retornando à sociedade, se isso é saudável, ético e se, de alguma forma, os alunos consideram seus princípios e valores ao fazer escolhas profissionais, dentre outros questionamentos.

Uma das situações observadas refere-se ao fato de que algumas opiniões ou discussões acabam se tornando recorrentes, repetindo-se em diferentes turmas, com diferentes alunos, e é interessante observar a pertinência dos temas levantados pelos mesmos: cada um traz sua bagagem única, seu modo de ver o mundo e seus princípios e valores, o que acaba gerando aulas muito interessantes e pra mim,

especialmente, quando o assunto da aula é responsabilidade social do design. A discussão gerada por esse tema em sala de aula é bastante ampla, tendo como um dos principais pontos a relação do âmbito pessoal com o profissional no sentido de que todos precisam de dinheiro pois vivemos em um mundo capitalista, mas até que ponto essa necessidade se sobrepõe à ética e aos princípios pessoais de cada um. Muitos dos alunos falam que não trabalhariam com algo que ultrapasse esse limite, já outros dizem que não se importam tanto e isso gera uma discussão muito pertinente se necessária.

No design usamos muitas vezes a analogia de que um projeto é como um “filho”, a gente o cria e “entrega” ao mundo, porém depois não temos mais controle sobre sua repercussão dadas as interações que a sociedade terá com o mesmo. Mas uma das problematizações feitas a partir da disciplina de Teoria e Crítica reforça que devemos pensar, durante a criação/projeção, como as pessoas podem e provavelmente irão se apropriar e/ou deturpar esse projeto. Nesse sentido, Redig (2011) cita uma fala do professor Karl Heinz Bergmiller sobre as apropriações da sociedade perante os projetos. Ele menciona como exemplo uma mesa, que não é pensada, primordialmente, para se sentar, mas as pessoas sentam sobre elas. Ou seja: deturpam sua finalidade original, e isso deve ser considerado. Esse tópico, ao meu ver, instiga os alunos a pensarem o que ocorre após a entrega de seus projetos, ele os estimula a pensarem sobre seu impacto social pois não somos nós, designers, que estamos em cena, mas sim nosso trabalho em diálogo com as pessoas, como Ronald Shakespear ressalta (REDIG, 2011)

Como citado anteriormente, não existe design que não seja social, inclusive o design com finalidade comercial, ainda que voltado para o consumo, já que o design que não é pensado para as necessidades sociais, ou, na interação com as pessoas, em qualquer nível, não é design - como Redig também ressalta em seu ensaio. O debate desse tema é um dos exemplos de como o senso crítico dos alunos é estimulado pela disciplina de Teoria e Crítica do Design. A importância que vejo nessa cadeira para a formação de uma consciência social e profissional dos alunos, além de acompanhar e participar desse desenvolvimento de senso crítico foi o que me fez buscar a atuação como monitor, não apenas uma vez.

#### 4. CONCLUSÕES

Após minha experiência como monitor noto ainda mais, a importância da disciplina para o estabelecimento de um pensamento crítico dos alunos, pois as discussões geradas, os temas levantados e a interação dos alunos faz com que eles tenham consciência da relevância de seus trabalhos, da sua importância na sociedade não apenas como intermediadores de comunicação mas como contribuintes do desenvolvimento ético e socialmente comprometido com a da sociedade. Vejo que

muitos alunos saem dessa disciplina com a consciência do seu papel social, de sua importância para a sociedade e com um pensamento crítico mais desenvolvido perante a profissão.

A monitoria me trouxe uma visão maior sobre a relação dos alunos com a disciplina, a importância dos temas apropriados e das discussões levantadas tanto pela professora como pelos alunos, além de me fazer perceber o quanto, por mais que os repertórios, as opiniões e a bagagem de cada um possam ser diferentes, existe uma possibilidade - e talvez, uma necessidade - de repercutir esse papel social e crítico que pretendemos exercer enquanto profissionais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Adélia. **Designer não é personal trainer**: e outros escritos. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2003. 180 p.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. 222p.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. 352 p.

HELLER, Steve; PETTIT, Elionor. **Design em diálogos**: 24 entrevistas. São Paulo: Cosac Naify, 2013

KROEGER, Michael (org.). **Conversas com Paul Rand**. Tradução: Cristina Fino. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

REDIG, Joaquim. Design: responsabilidade social no horário do expediente (p. 87-113). In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). **O papel social do design gráfico**: história, conceitos & atuação profissional. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011. 183 p.

STOLARSKI, André. **Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil**: Depoimentos sobre o design visual brasileiro. São Paulo: Cosac Naify, 2005